

Memórias de intelectuais negros(as) e formação docente: diálogos entre Brasil e Moçambique

Luiz Gustavo Santos da Silva¹  Francislene Cerqueira de Jesus^{2*} 

José Valdir Jesus de Santana³ 

¹Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil

²Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil

³Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Brasil

*Autor de correspondência: gustavofirmina@gmail.com

RESUMO

O texto apresenta uma pesquisa de pós-doutorado em andamento desenvolvida na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus Jequié e discute o processo formativo de intelectuais negros(as). A problemática deste trabalho busca investigar como a memória de intelectuais negros(as) do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC), em diálogo com uma formação docente decolonizada, ambos processos articulados com as histórias de vida de intelectuais africanos(as) de institutos de ensino superior em Moçambique, impactam na produção de um conhecimento acadêmico insurgente e emancipatório. Como possível hipótese desta investigação, acreditamos que a consolidação desses fatores promoverá o fortalecimento dos grupos de pesquisa das instituições participantes. Para responder ao questionamento proposto, com o auxílio metodológico da história oral, a pesquisa busca fomentar a construção de uma educação antirracista, além do incremento da produção intelectual negra comprometida com o desenvolvimento da educação e o fortalecimento do vínculo acadêmico entre Brasil e Moçambique. Para embasar nossa pesquisa, nos valemos dos estudos de: Macedo (2013), Santos (2014), Grosfoguel (2008), Nogueira (2024), West (1999), entre outros. Como um dos possíveis resultados, esperamos colaborar para o fortalecimento das políticas públicas de ações afirmativas visando a equidade racial no âmbito do acesso à educação.

PALAVRAS-CHAVE:

Decolonialidade
Formação de
Professores(as)
Intelectuais Negros(as) e
africanos(as)
Memória

ABSTRACT

This article presents an ongoing postdoctoral research project that was initiated at the Jequié campus of the State University of Southwest Bahia. It focuses on the formation process of Black intellectuals (male and female). The main question of this study is to find out how Black intellectuals from a "Postgraduate Program in Ethnic Relations and Contemporaneity" (PPGREC) talk to teachers who were trained before colonialism. These conversations are connected to the lives of African intellectuals (male and female) from universities in Mozambique. This helps create knowledge that helps people fight for equality. As a tentative hypothesis, we propose that the consolidation of these factors will promote the strengthening of research groups within participating institutions. The research uses oral history, the research aims to help create anti-racist education and increase Black intellectual production dedicated to education and strengthening academic ties between Brazil and Mozambique. Our theoretical framework is informed by studies by Macedo (2013), Santos (2014), Grosfoguel (2008), Nogueira (2024), West (1999), among others. As one potential outcome, we hope to contribute to the advancement of public policies for affirmative action aimed at racial equity in access to education.

KEYWORDS:

Black and African
Intellectuals
Decoloniality
Memory
Teacher Education

RESUMEN

El texto presenta una investigación de posdoctorado en curso desarrollada en la Universidad Estatal del Sudoeste de Bahía, campus Jequié, y discute el proceso formativo de intelectuales negros(as). La problemática de este trabajo busca investigar cómo la memoria de intelectuales negros(as) del Programa de Posgrado en Relaciones Étnicas y Contemporaneidad (PPGREC), en diálogo con una formación docente descolonizada, ambos procesos articulados con las historias de vida de intelectuales africanos(as) de institutos de educación superior en Mozambique, impactan en la producción de un conocimiento académico insurgente y emancipador. Con el fin de responder al interrogante planteado, mediante el empleo de un método metodológico de la historia oral, la investigación persigue fomentar la creación de una educación antirracista, además del incremento de la producción intelectual negra comprometida con el desarrollo de la educación y el fortalecimiento del vínculo académico entre Brasil y Mozambique. Para fundamentar nuestra investigación, nos valemos de los estudios de: Macedo (2013), Santos (2014), Grosfoguel (2008), Nogueira (2024), West (1999), entre otros. Como uno de los posibles resultados, esperamos colaborar para el fortalecimiento de las políticas públicas de acciones afirmativas visando la equidad racial en el ámbito del acceso a la educación.

PALABRAS-CLAVE:

Decolonialidad
Formación de
Profesores(as)
Intelectuales Negros(as) y
africanos(as)
Memoria

Introdução

O presente texto apresenta notas de uma pesquisa de pós-doutoramento¹ que encontra-se em andamento na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Inserida no campo de estudos dos cotidianos (ALVES; OLIVEIRA, 2004; OLIVEIRA, 2012; PASSOS, 2014), entendemos que ao analisar a formação docente a partir das memórias de intelectuais negros(as) do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) na cidade de Jequié, promovemos didáticas insurgentes e produções antirracistas. Sabendo da importância em ampliarmos este lugar de memória (NORA, 1981), que é a formação docente, a pesquisa foi à África, especificamente Moçambique, buscando alargar as definições do termo “intelectuais negros(as)” a partir de conversas com pesquisadores(as) africanos(as) do outro lado do Atlântico Negro.

Por hora, as definições de intelectuais negros(as) propostas neste texto vão ao encontro de algumas questões que balizam o conceito, dentre elas: são professores(as) que, enunciando, produzem sentidos aos seus discursos, lançam mão de “táticas” de resistência negra, alteram objetos e códigos, decolonizam e se reapropriam dos espaços a seu jeito, aquilombando-se nos territórios, se (re)inventando graças às “artes de fazer” (CERTEAU, 1998). Quando se refere à formação docente, consideramos relevante não aquilo que se mostra enquanto repetição e reprodução das técnicas de ensino, mas o que sutilmente escapa deste escopo e está presente como “criação anônima”, como “astúcia” (CERTEAU, 1998).

Para tanto, a questão que orienta esta pesquisa concentra-se em compreender como as memórias de intelectuais negros(as), no Brasil, e africanos(as), em Moçambique, dialogando com uma formação docente decolonizada impactam na produção de um conhecimento acadêmico insurgente. Acreditamos que tais processos promovem práticas antirracistas e o fortalecimento de uma produção intelectual negra, além do fortalecimento das políticas públicas na região sudoeste da Bahia.

¹ Esta pesquisa conta com o apoio da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, através da concessão de bolsa de estudos.

Para responder aos questionamentos deste trabalho, apresentamos como objetivos: analisar as histórias de vida de intelectuais negros(as) e africanos(as), tendo como perspectiva metodológica a história oral (MEIHY; HOLANDA, 2007), ampliando o repertório de saberes e conhecimentos decolonizadores em conexão com a diversidade étnica na cidade de Jequié; fortalecer os grupos de pesquisa do Programa e sua capacidade de articulação com outros grupos parceiros em África, de modo a responder às demandas da sociedade jequeense na promoção de conhecimento decolonizado, tecnologia ancestral antirracista e inovação social; aproximação das epistemologias africanas e afrobrasileiras a partir de diálogos com intelectuais dos países envolvidos na pesquisa.

Esta pesquisa torna-se relevante por evidenciar intelectuais negros(as) nas produções de conhecimento a partir das suas narrativas e processos de formação docente, no campo das memórias. Acreditamos que seja um estudo de relevância acadêmica e social, posto que pode impactar não só no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) como colaborar na diversificação e aproximação dos estudos entre Brasil e África, especificamente Moçambique.

Formação docente, decolonialidade e memória de intelectuais negros(as) e africanos(as): produção de epistemologias negras

Ao falarmos de “formação”, propomos ressignificar a própria compreensão linear do termo, deslocando a sua concepção que se restringe aos processos de certificação e treinamento. Entendemos que muitas vezes aportada em concepções hegemônicas e homogeneizadoras de conhecimentos, esta ideia valoriza apenas os saberes científicos fundamentados e instituídos como “neutros”, reproduzindo discursos de igualdade e universalidade de direitos. Temos aqui os saberes científicos produzidos por essa Ciência maiúscula, que fala por todos e todas, pensados e conduzidos a partir dos interesses e das questões daqueles(as) cujas vozes indeterminadas pretendem representar toda a humanidade. Paradigmas hegemônicos, baseados na propriedade da “verdade” e que ao longo dos últimos quinhentos anos inspiraram a filosofia e as ciências ocidentais

naquilo denominado por Grosfoguel como sistema-mundo-patriarcal/capitalista/colonial/moderno (GROSFOGUEL, 2008).

A presente pesquisa concebe as memórias enquanto lugares de luta, mobilizando-as enquanto atos de resistência, insurgências que se erguem a partir de coletividades produtoras de práticas educativas pluriculturais. Dessa forma, propomos caminhos que nos permitam compreender a relação entre a formação docente, as histórias de vida de intelectuais negros(as) e africanos(as) e suas produções, o que pode ser importante para atentarmos sobre como esses processos reverberam e impactam no fortalecimento dos grupos de pesquisa e nas práticas antirracistas da região de Jequié, na eficácia das políticas públicas destinadas à educação para as relações étnicas e raciais, a exemplo da própria Lei nº 10.639/03 e sua aplicação nas escolas, além do incremento de uma produção intelectual negra transnacional. A pesquisa ampara-se na concepção da memória a contrapelo (BENJAMIN, 1993), ou seja, mais que uma série de fatos relacionados a um passado distante ou próximo, mais que um conteúdo lembrado ao longo do tempo e que já se encontra pronto. Sempre deslizante e inacabada, ela sofre os impactos das interpelações e das respostas necessárias aos contextos e aos grupos responsáveis pela sua (re)invenção e (re)vivência (WALTER, 2008).

Ao falar em “intelectual negro(a)”, fazemos referência a uma presença física, estética, fenotipicamente diferenciada da maioria não negra que constitui o universo hegemônico da produção intelectual no Brasil, uma presença marcada e (des)conhecida pelo seu lugar de pertencimento racial (MACÊDO, 2013). Ampliando o debate, recorremos a Bernardino-Costa (2018) que define intelectuais negros(as) como os(as) ativistas, professores(as), músicos(as), artistas, lideranças religiosas, poetas, enfim, aquelas pessoas capazes de construir uma homogeneidade e consciência de grupo para a população negra, bem como capazes de apontar os caminhos da resistência e da (re)existência. Para Santos (1997), o intelectual negro(a) é aquele(a) que produz o conhecimento crítico para a transformação social. Segundo Nogueira (2024), os(as) intelectuais negros(as) e africanos(as) são a expressão das sociedades modernas e capitalistas, herdeiros(as) dos processos de colonização e escravização nas Américas, Caribe e Continente Africano. O(a) intelectual negro(a), para ele, é um

[...] criador e difusor de um conjunto de práticas culturais, saberes e valores coletivos que são organizados e traduzidos em termos de artigos, estudos, textos, romances e peças teatrais. Ele é um “organizador da cultura” na conceituação de Antônio Gramsci. Estes intelectuais trataram do tema negro a partir da própria experiência (NOGUEIRA, 2024, p. 85-86).

Quanto ao seu papel e importância, hooks (1995), West (1999) e Said (2005) são contundentes ao afirmarem que o(a) intelectual não é apenas alguém que lida com ideias, é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele e ela veem a necessidade de fazê-lo. É alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla. Aqui interessa para o debate proposto nesta pesquisa a função que tem o(a) intelectual de representar, sempre às margens do poder, o seu papel público “como um outsider, um ‘amador’ e um perturbador do status quo” (SAID, 2005, p. 10). Por fim, definimos o(a) intelectual negro(a) como um(a) produtor(a) de “oferendas epistêmicas” decolonizadoras, depositadas em encruzilhadas formativas, um(a) “feiticeiro(a)” africano e/ou afrobrasileiro que se engaja nas suas produções.

Nesta pesquisa, não há busca de consenso entre autores(as) quanto ao uso do termo “decolonial”. Concordamos com Breitner Tavares, Shirley Tate, Joaze Bernardino-Costa e Nilma Lino Gomes (2021), ao afirmarem que o fundamental é o estabelecimento de diálogos com intelectuais negros(as), a exemplo de: Angela Davis, Lélia González, Steve Biko, Frantz Fanon, bell Hooks, Abdias do Nascimento, Beatriz do Nascimento, Aimé Césaire, Clóvis Moura, Guerreiro Ramos, Sueli Carneiro, Cida Bento etc. A partir destas conversas, Passos e Silva (2021) concebem decolonialidade como

um deslocamento epistemológico produzido por intelectuais insurgentes, praticantes da vida cotidiana que, dentro de um escopo teórico combativo, utilizam suas táticas de resistência, desempenhando importante papel na construção e produção do pensamento e conhecimento e nas várias formas de ativismo. Concebida a partir das/com as experiências das populações colocadas à margem, sua força epistêmica se contrapõe às tendências acadêmicas dominantes e suas formas monocráticas de produções científicas. Por vezes é mobilizada desde uma perspectiva sankofa, ou seja, apresenta um olhar atento ao passado, ressignifica o presente e produz possibilidades de outros futuros, alimentando-se e, ao mesmo tempo, trazendo à tona em forma de “oferendas epistêmicas” saberes já acumulados frente às racionalidades de um sistema-mundo único e monológico (PASSOS; SILVA, 2021, sp.).

Seguindo no pensamento de Nilma Lino Gomes (2017), por estarmos constantemente diante de confrontos entre variadas visões de mundo e experiências históricas, a decolonização dos currículos implica conflitos e negociações. Decolonizar os currículos é visibilizar epistemologias negras insurgentes e contestadoras que promovam o combate a todas as formas de exclusão, priorizando nos processos de formação uma posição crítica, antirracista, antipatriarcal e anticapitalista, possibilitando aos indivíduos reconhecerem-se em novos horizontes emancipatórios.

Lugar de memória e formação docente: insurgências

A preservação da memória social coletiva é condição indispensável à construção de uma nação pluricultural e pleno exercício da cidadania, tendo a universidade papel fundamental nesse processo, “um *lócus* privilegiado para o exercício e formação da cidadania que se traduz, também, no conhecimento e na valorização dos elementos que compõem o nosso patrimônio cultural” (ORÍÁ, 2004). Neste sentido, a universidade cumpre o seu papel ao socializar o conhecimento historicamente produzido, preparando as gerações para a construção de novos conhecimentos, alavancando os processos plenos de formação e trazendo à tona as memórias dos diversos segmentos que nos compõem enquanto sociedade.

Contudo, o que encontramos, muitas vezes, é a preservação da memória social hegemônica sedimentando um imaginário acerca das populações negras marcado pelas agruras da colonização e da escravização, com a veiculação de imagens e experiências negras paralisadas no tempo, silenciadas ou negativadas. Uma memória colonizada, produzida geralmente a partir de imagens de longa duração, ou seja, compreensíveis apenas quando observadas em séculos, mantendo as representações sociais quase intactas.

Em sua tese de doutorado intitulada “Intelectuais Negros, Memória e Diálogos para uma Educação Antirracista: uma leitura de Abdias do Nascimento e Edison Carneiro”, Macêdo (2013) afirma que a construção de memórias sobre a experiência negra no Brasil é ancorada em uma tríade: das *memórias literárias*, da *construção historiográfica sobre a memória da escravização* e da *produção*

acadêmica aos livros didáticos. A concepção predominante sempre foi a de se forjar uma identidade nacional única para o país, excluindo as diferenças e a pluralidade étnica de nossa formação histórica. Os livros didáticos em geral (não só de História) salientaram a eficácia e os feitos de políticos, reis, aristocratas brancos, remetendo-se quase sempre às suas biografias, inscrevendo no panteão de nossa memória uma galeria de nomes e imagens que deveriam constar como nossos heróis e defensores da pátria. A não representação e mesmo as representações estereotipadas dos(as) negros(as) nos livros didáticos induzem à desvalorização e ao esquecimento no que diz respeito à sua participação na história e no construto da memória oficial acerca desta, induzem ainda a pensarmos que não possuem história ou que esta não tem valor, pois, somente a história dos grupos dominantes está registrada e precisa ser estudada, repetida e consolidada.

Munido da consciência histórica e da urgência de nos apropriarmos das nossas próprias memórias, principalmente nos momentos em que eclodem em perigo (BENJAMIN, 1994 *apud* GILROY, 2001), a pesquisa assume o combate mobilizando histórias de vida, produções e didáticas insurgentes locais e transnacionais de intelectuais negros(as) e africanos(as), do PPGREC e de universidades moçambicanas, respectivamente. Seguimos caminhos epistemológicos ao Sul Global Afro-Latino (NOGUEIRA, 2024), posicionando pensamentos africanos, decolonizando e nutrindo territórios jequeenses e outras regiões de “oferendas” narrativas, afirmando memórias enquanto “agências político-epistemológicas” (BERNARDINO-COSTA, 2018, sp.).

Para a construção histórica de uma memória colonizada sobre as populações negras, a pesquisa busca lançar mão de tecnologias ancestrais negras que protegem do signo da colonialidade acadêmica, que tenta subalternizar os conhecimentos. Como lumes de apontar caminhos para lugares de (re)existências e orientações, mais que um movimento arquivístico de dados, este ato é um sentir, observar e dar visibilidade às conexões afrodiaspóricas estabelecidas quando são acionadas. Uma dança constante entre o interior e o exterior, o individual e o coletivo, o deslocamento e a reterritorialização, entre lugares, tempos, cores, vozes e consciências, entre a fusão e a fissura identitária, cultural e epistêmica. Memória viva que inscreve corpos-políticos negros do conhecimento dentro da alquebrada

ideologia oficial, problematizando, assombrando, interpretando e transformando-a. Energia (re)construtiva identitária e política. A enunciação destas memórias vivas pode ser uma força curativa de transformação porque cria constantemente conexões territoriais ancestrais entre diversos elementos, desafiando a relação arbitrária entre cultura, identidade e memória mediante sua essência serpenteante (WALTER, 2008).

Durante muito tempo, um tipo específico de memória, calcada em um dos aportes da colonialidade (do saber) (LANDER, 2005), invisibilizou a diversidade étnica e racial brasileira, reservando às populações negras um lugar de alienação. O lugar de memória da formação docente não está alheio a este processo, posto que é atravessado por questões de poder e controle que acabam por conformar as relações estabelecidas dentro dele. Lugares que eventualmente (re)apresentam formas de conhecimento, práticas de linguagem, relações e valores sociais que são ao mesmo tempo seleções e exclusões específicas da cultura mais ampla.

A formação de professores(as) não comporta um conceito unívoco, porém, na contemporaneidade, talvez seja consensual entre estudiosos(as) entendê-la como espaço que possibilita a reflexão e a tomada de consciência das limitações sociais, culturais e ideológicas da própria profissão. Essa complexidade pode ser melhor captada a partir de dois prismas: se entendermos que este local formativo é atravessado por processos políticos e culturais, constituindo ou mesmo posicionando socialmente sujeitos com diferentes concepções de vida, visões de mundo, histórias e trajetórias diversas, tecendo experiências e sentidos no fazer-se professor(a); se compreendermos esses locais como organizações onde problemas políticos, sociais e culturais são redesenhados por rotinas, cotidianos e tradições, atravessados por tensões e conflitos, práticas e experiências sociais os mais variados possíveis e não apenas como um centro transmissor de conhecimentos.

Falar em formação docente no Brasil é remeter-se a um cenário cheio de desafios, permeado de inquietações, pensá-la na interface com as relações étnicas e raciais acrescenta mais complexidade ao debate, uma vez que pressupõe uma nova concepção de educação e formação, olhar atento e sensível, como afirmam Gomes e Silva (2006). Entender tais questões no contexto educacional, especialmente no âmbito da formação de professores(as), é

fundamental, já que a educação no Brasil sempre esteve, ao menos no plano discursivo, preocupada com a formação do(a) cidadão(a) e do(a) brasileiro(a), mas, sempre manteve ausentes aportes pedagógicos que considerassem a diversidade étnica e racial indicando explicitamente que cidadania, identidade e mesmo memória eram pretendidas.

Segundo a professora Marise de Santana, infelizmente,

professores(as) não se formam para desenvolver em suas atividades de docência um saber gestado pelo cotidiano de seus alunos(as), que seria um saber pluriversitário fruto da articulação entre ensino e pesquisa. A ausência deste saber vai fazer com que sejamos formadores de pessoas imbuídas de preconceitos que geram discriminações. Temos formado pessoas misóginas, homofóbicas, racistas (SANTOS, 2019, p. 11).

É nesse contexto que trazemos para o presente texto reflexões acerca da importância da formação docente e memórias de intelectuais negros(as) e africanos(as) em diálogos transnacionais, na tentativa não apenas de alargar e diversificar as definições, mas contribuir na promoção e consolidação dos processos formativos do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade (PPGREC) e seus grupos de pesquisa, com foco nas didáticas insurgentes e produções intelectuais negras, objetivo geral da pesquisa em andamento.

Delineamento metodológico da pesquisa

Esta pesquisa utilizará como recurso para a produção das narrativas a história oral. Um argumento importante à escolha metodológica a partir da história oral para esta pesquisa é por problematizar a visão hegemônica da história, compreendida apenas pelo prisma dos “grandes vencedores”. Segundo Macêdo (2004, p. 177), “o recurso da história de vida nos meios educacionais é mais uma contribuição para o rompimento com o baixo mimetismo cognitivo, o abstracionismo teórico e o colonialismo intelectual [...]”.

De acordo com Meihy e Holanda (2007), que afirmam ser a entrevista uma manifestação do conjunto de fontes orais, a concepção de entrevista em história oral, desenvolvida nesta pesquisa, tem como finalidade a transformação do

material produzido nestas mesmas fontes, ou seja, gravações eletrônicas que tem no registro o seu propósito. A entrevista em história oral pressupõe a realização de relações simétricas e colaborativas entre todos(as) os(as) participantes, favorecendo uma conversação mais espontânea e interativa, estimulando uma boa ambiência para reflexões, criando um ambiente onde os(as) interlocutores(as) elaboram narrativas acerca dos assuntos que surgem no transcorrer da conversa, de modo que nelas apareçam elementos importantes para lançar luz aos temas propostos nesta pesquisa, quais sejam, os processos formativos, intelectualidade negra, etnicidade, militância, lutas antirracistas, entre outras. O que caracteriza esse ambiente é a ênfase na produção das melhores condições possíveis para a emergência de uma narrativa livre, onde o(a) entrevistado(a) pode transitar entre as próprias memórias.

Outra razão para a utilização da entrevista na perspectiva da história oral reside no fato dela possibilitar o estabelecimento de uma relação dialógica (BAKHTIN, 1997) com os(as) participantes, ou seja, significa considerá-los(as) sujeitos (discursivos) implicados diretamente nessa roda de comunicação, estabelecendo uma ação narrativa compartilhada em um espaço específico, porém, sempre mutável devido às variações do contexto.

Compromisso ético e sensibilidade são fundamentais para lidar com as narrativas dos(as) interlocutores(as) desta pesquisa, fragmentos de vida que só podem ser traduzidos, dialogicamente, por meio da escuta sensível e atenta. Estas vozes podem emergir de um conjunto de experiências e atuações antirracistas marcadas por recuos, avanços e persistências. Reconhecendo a contingência dos processos históricos aí imbricados, potencializam-se suas memórias na circularidade de um “xirê”² narrativo onde discursos não são apenas acionados ou reinventados, mas são também locais enunciativos de onde são formulados conhecimentos emancipatórios. Ao lançar mão destas perspectivas, o projeto se posiciona em acordo com Passos e Silva (2021), ou seja, política e epistemologicamente de forma diversa do modelo institucionalizado pela ciência

² Xirê é uma palavra iorubá que significa "roda" ou "dança". É um ritual e uma performance corporal que marca o início das festas de candomblé.

moderna, de uma forma geral, possibilitando, conseqüentemente, um diálogo com saberes e fazeres histórica e socialmente invisibilizados.

As narrativas orais colhidas não serão apenas fontes de informações para a solução de problemas do passado ou recursos para preenchimento de lacunas da documentação escrita, antes, daremos relevância às experiências individuais e coletivas de homens e mulheres negros(as) que, ao narrarem suas histórias de vida, não apenas reconstroem e ressignificam memórias, mas, evidenciam as suas produções e didáticas insurgentes. Por abarcar procedimentos e aproximações extremamente diversos, o uso da história oral de vida contribui, inclusive, para uma melhor compreensão da condição desses docentes como intelectuais transformadores(as), a partir do que propõe Giroux (1997). Para o autor, essencial para a condição de professores(as) como intelectuais transformadores(as) é tornar o político mais pedagógico. Isso significa

utilizar formas de pedagogia que incorporem interesses políticos que tenham natureza emancipadora; isto é, utilizar formas de pedagogia que tratem os estudantes como agentes críticos; tornar o conhecimento problemático; utilizar o diálogo crítico e afirmativo; e argumentar em prol de um mundo qualitativamente melhor para todas as pessoas (GIROUX, 1997, p. 163).

Há uma riqueza no trabalho com as histórias de vida no campo da educação que pode ser acessada, segundo Nóvoa (1995), pela compreensão sobre como elas implicam nos comportamentos e práticas pedagógicas cotidianas, perspectivas, visões e concepções dos(as) professores(as) sobre educação.

Porque é que fazemos o que fazemos na sala de aula, obriga a evocar essa mistura de vontades, de gostos, de experiências, de acasos até que foram consolidando gestos, rotinas, comportamentos com os quais nos identificamos como professores. Cada um tem o seu modo próprio de organizar as aulas, de se movimentar na sala, de se dirigir aos alunos, de utilizar os meios pedagógicos, um modo que constitui uma espécie de segunda pele profissional (NÓVOA, 1995, p. 16).

Para Camargo (1984), esta riqueza reside em outorgar um lugar de centralidade à experiência vivida e em possibilitar a integração de percepções

individuais e pautas universais de relações humanas por meio de articulações temporais. Assim, o enfoque sobre as experiências dos sujeitos é fundamental para a “compreensão dos atores a partir de seus próprios pontos de vista e para a compreensão de processos sociais mais amplos que os indivíduos” (CAMARGO, 1984, p. 18). Dessa forma, a história oral de vida, opção metodológica desenvolvida nesta pesquisa, vislumbra-se como maneira de superar a mera aquisição de dados em favor de visões mais subjetivas das experiências destes(as) intelectuais negros(as) e africanos(as) no campo da educação antirracista. Conversar com os(as) intelectuais negros(as) sobre suas histórias de vida exige compromisso ético, pois, os registros das suas histórias - maneiras de ser, posicionamentos políticos, atuações na educação - situam-se em campos políticos que demandam a todo tempo memórias sobre as populações negras no Brasil.

Como procedimento metodológico, serão entrevistados(as) intelectuais negros(as) e africanos(as), distribuídos entre docentes do PPGREC e de universidades moçambicanas. Pesquisadores(as) que possuem trajetória e estudos voltados às questões étnicas e raciais e formação docente. As entrevistas serão agendadas previamente e terão duração de 60 minutos. As conversas serão gravadas com auxílio de um gravador de voz. Serão construídos roteiros com o intuito de aprofundar a discussão das temáticas. Após a gravação, segue a etapa de transcrição dos áudios. Com o material transformado em documentos escritos, o trabalho será categorizado conforme a análise de conteúdo (BARDIN, 2016).

Resultados esperados a partir do desenvolvimento da pesquisa em andamento

As ações propostas nesta pesquisa coadunam com o esforço em aumentar a eficácia das ações afirmativas e políticas públicas voltadas à formação docente, além de uma maior articulação acadêmica entre Brasil e Moçambique por meio da disseminação das produções ou mesmo das práticas educativas antirracistas dos(as) intelectuais negros(as) do PPGREC, dos seus grupos de pesquisa e dos(as) pesquisadores(as) africanos(as). Dessa forma, propomos os seguintes produtos: acervo de memórias e banco de dados dos(as) intelectuais negros(as) do Brasil e Moçambique organizados com auxílio de ferramentas tecnológicas; relatório de uma missão técnica à África com a finalidade de buscar assessoramento e

colaboração para o fomento e disseminação de produções científicas e práticas educativas antirracistas transnacionais; produtos bibliográficos em forma de artigos em revistas qualificadas, produzidos durante o período vigente do pós-doutorado no PPGREC a partir das experiências empíricas.

A consolidação dos processos formativos do PPGREC, em diálogo com universidades de Moçambique, deverá contribuir para o fortalecimento dos grupos de pesquisa, propiciando a continuidade e o incremento da produção intelectual negra docente, comprometida com o aumento da qualidade da educação básica e superior na cidade de Jequié, com repercussões na melhoria dos níveis de desenvolvimento socioeconômico e cultural da região de abrangência do Programa. Dessa forma, espera-se que o implemento destas ações afirmativas planejadas gere os seguintes resultados: ampliação da circulação da produção científica dos(as) intelectuais negros(as) em diálogo com pesquisadores(as) africanos(as); promoção e fortalecimento das políticas públicas, de ações afirmativas e da própria Lei 10.639 visando a equidade racial no âmbito do acesso à educação, ciência, pesquisa e pós-graduação; popularização da ciência; melhoramento e ampliação do suporte acadêmico e científico a pesquisadores(as) negros(as) e seus projetos e grupos de pesquisa vinculados ao PPGREC; fortalecimento das redes de educação através da disseminação das temáticas étnicas e raciais; potencialização de estudantes negros(as); ampliação das atividades dos grupos de pesquisa em articulação com grupos de pesquisa em Moçambique; melhoria da sustentabilidade econômica da região; construção de redes de cooperação e fortalecimento às instituições que trabalham na promoção da equidade étnica e racial.

Perspectivas de colaboração interinstitucional para a execução do projeto

Nesta pesquisa, as ações elencadas vão ao encontro do aprimoramento das políticas públicas, de avaliação institucional e implantação de novas práticas de planejamento. Podem subsidiar a construção, atualização e/ou consolidação do PPGREC em diálogo com universidades moçambicanas e seus processos formativos com suas metas, objetivos gerais, objetivos específicos, políticas e estratégias de curto, médio e longo prazos envolvendo as políticas de ações

afirmativas e melhoria da educação básica, na promoção da equidade e respeito à diversidade étnica na cidade de Jequié.

Conclusão

Dialogar com intelectuais negros(as) do PPGREC e africanos a partir de suas memórias, tendo como “pano de fundo” a formação docente pode contribuir não só para o fortalecimento dos grupos de pesquisa das universidades em questão, como tensionar os campos hegemônicos da produção do conhecimento, além de exigir (dos órgãos competentes) a implementação e consolidação de políticas afirmativas na região sudoeste da Bahia. Acreditamos que o uso das memórias como armas de combate se traduz não apenas em reflexões, mas em formas concretas de atuação no campo da decolonização do ensino. Os pensamentos, produções e ações discutidos nesta pesquisa podem emergir como contribuições valiosas de intelectuais negros(as) e africanos que possuem um posicionamento insurgente fazendo frente aos racismos epistêmicos.

Pensamos ser fundamental atentarmos para as experiências, trajetórias e pensamentos de intelectuais negros do PPGREC e africanos através de suas narrativas. Porém, acreditamos que pesquisas futuras possam obter melhores resultados se debruçando mais detidamente sobre as produções (artigos) dos(as) participantes. Eles podem fornecer informações mais precisas, percebendo as mudanças e influências teórico-metodológicas através dos anos.

Referências

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Imagens de escolas: espaços tempos de diferenças no cotidiano.** *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 25, n. 86, p. 17-36, Abr. 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal.** 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Ed. 70, 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura.** 7ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. **Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal.** *Sociedade e Estado*, v. 33, n. 1, p. 117-135, 2018. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183301005>

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Brasília, 10 jan. 2003.

CAMARGO, Aspásia. **Os usos da história oral e da história de vida: trabalhando com elites políticas.** *Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n. 1, p. 5-28, 1984.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano.** Petrópolis, RJ. Vozes, 1998.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência.** São Paulo: Rio de Janeiro, São Paulo: Editora 34, 2001.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. O desafio da diversidade. In: GOMES, Nilma Lino; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves (org.). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 13-33.

GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global.** *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 80, p. 115-147, 2008. <https://doi.org/10.4000/rccs.697>

hooks, bell. **Intelectuais negras**. *Revista Estudos Feministas*, v. 3, n. 2, 1995.

LANDER, Edgardo. **Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêntricos**. In: _____ (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. (Colección Sur Sur), p. 8-23. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2591382/mod_resource/content/1/colonialidade_do_saber_eurocentrismo_ciencias_sociais.pdf

MACÊDO, Marluce de Lima. **Intelectuais Negros, Memória e Diálogos para uma Educação Antirracista: uma leitura de Abdias do Nascimento e Edison Carneiro**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação e Contemporaneidade, Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2013.

MACÊDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. 1º ed. Salvador: Editora EDUFBA, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe; HOLANDA, Fabíola. **História oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

NOGUEIRA, Fábio. **Intelectuais Negros no Sul Global Afro-Latino: Diálogos Transnacionais e Perspectivas Amefricanas**. *Revista Eleuthera*, v. 26 n. 1, p. 81-94, 2024. <http://doi.org/10.17151/elev.2024.26.1.5>

NORA, Pierre. **Entre a Memória e a História: a problemática dos lugares**. *Projeto História*, São Paulo, n. 10, p. 7-28, 1981.

NÓVOA, António. **Vidas de Professores**. 2. ed. Portugal: Editora Porto, 1995.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **O Currículo como criação cotidiana**. Petrópolis: DPetAlli, 2012.

ORIÁ, Ricardo. **Memória e Ensino de História**. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *O saber histórico na sala de aula*. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 11-401.

PASSOS, Mailsa Carla Pinto. **Encontros cotidianos e a pesquisa em Educação: relações raciais, experiência dialógica e processos de identificação**. *Educar em Revista*, n. 51, p. 227-242, 2014. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602014000100014>

PASSOS, Mailsa Carla Pinto; SILVA, Luiz Gustavo Santos da. **Decolonialidade**. In: Graça Reis; Inês Barbosa de Oliveira; Patricia Baroni. (Org.). *Dicionário de Pesquisa Narrativa*. 1ed. Rio de Janeiro: Ayvu, 2022, v. 1, p. 62-70.

SAID, Edward. **Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SANTANA, Marise de. **Relações Étnicas: desafios para o Ensino, Pesquisa e Extensão no Campo Interdisciplinar**. *ODEERE*, [S. l.], v. 4, n. 8, p. 35-49, 2019. <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.6233>

SANTOS, Joel Rufino dos. **Épuras do social**: Como podem os intelectuais trabalhar para os pobres. São Paulo: Global Editora, 2014.

SANTOS, Milton. **O intelectual e a universidade estagnada**. *Revista ADUSP*, São Paulo, p. 16-20, out. 1997.

SANTOS, Nkembo Olugbala Silva. **Quem não senta pra aprender, não levanta para ensinar: uma aula com a Griot Marise de Santana**. *ODEERE*, v. 4, n. 8, p. 07-29, 2019. <https://doi.org/10.22481/odeere.v4i8.5777>

TAVARES, Breitner; TATE, Shirley.; BERNARDINO-COSTA, Joaze; GOMES, Nilma Lino. **Apresentação: “Educação Superior e a transformação social”**. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN)*, v. 13, n. 37, p. 4-17, 2021.

WALTER, Roland. **Memória, História e Identidade Cultural: Maryse Condé, Édouard Glissant, Gisèle Pineau e Patrick Chamoiseau**. *Revista Brasileira do Caribe*, v. 9, n. 17, p. 85-116, 2008.

WEST, Cornel. **O dilema do intelectual negro**. Basic Civitas Books, 1999.